

## Criando o problema

Prof. William Grava  
09/05/2005

Baseléia. Vários dos mais importantes presidentes e ex-presidentes de bancos centrais do mundo reunidos para discutir a economia mundial, e eis que os jornalistas brasileiros os abordam com um tema insólito, quase pitoresco: o foro privilegiado para o presidente do banco central ou, tomando seu instrumento, o status de ministro de estado. Surpresos com a estranha pergunta, os entrevistados explicam que não têm nem precisam disso.

Enquanto isso, no Brasil... o presidente do STF afirma, com todas as letras, que a decisão de conceder o status de ministro de estado ao presidente do Bacen, embora constitucional – e foi só isso que o STF julgou – enterra a pretensão de dar autonomia à instituição.

Não é mera coincidência. A perda de autonomia não é uma consequência infeliz da medida. Na verdade, é sua causa.

Quando o presidente do banco central não tem autonomia, sua função fica ligada ao governo. Uma vez fazendo parte do governo, sempre estará exposto aos ataques da oposição. Atacado com inúmeros processos, fica acuado e sua função, ou melhor, todo o país, fica prejudicado.

É um processo em que perdem todos. Se Henrique Meirelles nada fez de irregular, perde porque passa por um constrangimento desnecessário e injusto, e perde o país porque fica prejudicada a atuação de um presidente que, gostem de sua orientação ou não, vem desempenhando seu cargo com muita competência. Se, entretanto, cometeu alguma irregularidade, perdem os promotores e a sociedade, porque ficou mais difícil fazer justiça.

Acontece que a falta da agora sepultada autonomia está estreitamente é a causa da própria exposição do presidente do banco central. Se a sua figura não se confundisse com a do governo Lula e a do Ministro Pallocci, não seria tão atacado. Na verdade, teria uma posição mais obscura, talvez não muito apropriada às suas assumidas pretensões políticas, mas certamente apropriada à função. O Governo Lula, por sua vez, estaria menos pressionado e não teria tanta dificuldade para explicar-se aos seus aliados históricos e à ala de esquerda do PT.

Talvez possamos ir mais longe e até especular que o próprio Henrique Meirelles não estaria lá. Só para lembrar seu antecessor, Arminio Fraga, foi um dos mais respeitados presidentes que o Banco Central do Brasil já teve e foi substituído apenas porque sua manutenção no cargo era politicamente inviável. Justamente pelo vínculo que se fazia com o governo anterior. Contudo, toda a diretoria e mesmo a forma de atuação foram mantidas quando Meirelles assumiu. Mesmo as mudanças posteriores jamais refletiram qualquer mudança de rumo ou ruptura com o espírito da administração anterior, para desespero dos petistas históricos.

Mais uma vez, o problema é de governança, desta vez porque o mandato está mal definido. Lula e seus ministros, a rigor, oram eleitos para cuidar do governo. Não era para legislar, nem para julgar e... também não era para administrar a economia! Antes de julgar-me um maluco, veja o que acontece em todas as economias desenvolvidas e veja o que aconteceria no Brasil se o presidente do Bacen tivesse autonomia, mesmo sendo indicado pelo Presidente da República. Os ministros do Supremo também são nomeados pelo Presidente, podem ter uma certa afinidade com suas idéias, mas nem porisso estão subordinados ao Palácio do Planalto. E o Procurador

Geral da República? Não é ele mesmo o autor do processo contra Meirelles? Teve autonomia para fazê-lo, mesmo sendo indicado pelo Pres. Lula.

Com o Bacen subordinado ao Ministro da Fazenda, o governo promete muito mais do que pode, mas recebe em troca um poder que não merece, não por deficiência deste governo em particular, mas de qualquer governo. Cria uma armadilha para si mesmo, porque ou tenta governar a economia, como fez o regime militar nos tempos de Delfin Netto, ou precisa abandonar suas próprias convicções, como o Presidente Lula tem tido a nobreza de fazer, sabe-se lá por quanto tempo.

Ainda é possível mudar, embora seja muito mais difícil. Quem sabe?